

Hoje a Universidade NOVA de Lisboa ficou mais rica!

Esta cerimónia consagra três distintas personalidades tão diversas que, como ouviram, trilharam caminhos muito diferentes dentro da nossa própria cultura universitária.

Celebrámos quarenta anos de existência em 2013 e cerimónias como esta consolidam o projeto da NOVA, sempre em construção.

Refiro-me não só ao mérito das pessoas mas também a tudo o que representam: o Direito, História das Artes Performativas, neste caso a Dança, e a Medicina e a Saúde Pública das regiões tropicais.

A diversidade reflete-se até nos locais donde vêm os laureados: Portugal, Itália e Dinamarca. Mas, se quisermos ir mais longe, encontraremos em todos eles uma imagem cosmopolita que também caracteriza a cultura da NOVA.

Somos uma universidade com raízes profundamente nacionais porque surgimos para dar resposta, de uma forma inovadora, à carência de qualificações superiores e de investigação científica que prejudicava Portugal no início da década de setenta do século passado. Cumprimos esse desígnio!

Hoje a NOVA é uma universidade europeia por mérito próprio. Assim o atestam as dez bolsas milionárias atribuídas aos nossos cientistas, nos últimos dez anos, pelo European Research Council e o recente convite que nos foi feito para integrarmos a rede YERUN (Young European Research University Network). Na Europa fazemos também parte, na qualidade de fundadores, da rede das Universidades das Cidades Capitais Europeias e no próximo mês de Outubro, iremos a Bruxelas, participar nas celebrações dos vinte e cinco anos da rede. Fomos também, no ano de 2014, a universidade portuguesa que obteve maior financiamento ao nível do programa Horizonte 2020, que apoia a investigação científica na União Europeia, e este ano, pela primeira vez, ficámos em primeiro lugar a

nível nacional e em sexto a nível ibérico, no prestigiado ranking de Leiden.

Mas somos também, e igualmente por mérito próprio, uma universidade do espaço global porque, segundo a terminologia de Peter Thiel, autor do livro "Zero to one", sabemos fazer "coisas novas" e não apenas "repetir coisas que funcionam". Para este desígnio muito contribui o nosso relacionamento com o espaço da lusofonia através de instituições como o Instituto de Higiene e Medicina Tropical e também outras iniciativas que decorrem em várias unidades da NOVA ligadas aos países de língua portuguesa, desde África ao Brasil.

Ainda anteontem tivemos a visita do Reitor da Universidade de S. Paulo, uma das maiores universidades da América do Sul, que durante o dia, tomou conhecimento da nossa realidade.

Somos hoje uma universidade visível no mundo muito procurada por estudantes, professores e investigadores estrangeiros.

Mas continuamos profundamente preocupados com Portugal.

Recentemente, aliás numa viagem que fiz a Aalborg, na Dinamarca, levei comigo um livro intitulado: "Portugal: Um país parado no meio do caminho 2000-2015", da autoria de Miguel Real, autor que não conheço pessoalmente mas que me habituei a ler com atenção, embora possa não concordar com algumas das suas teses. Contudo, associo-me ao grito de alerta que o livro transmite porque, efetivamente, Portugal estagnou e não é possível termos universidades a tocar de forma afinada num barco a navegar ... na doca seca!

A análise de Miguel Real da situação portuguesa é de uma grande lucidez quando assinala os mitos da modernização da sociedade portuguesa (e passo a citar literalmente):

"O MITO EUROPEU DO PROGRESSO INFINITO"; "O MITO DO PORTUGAL IMPERIAL E DA LUSOFONIA"; "O MITO DA

ESTABILIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA”; “O MITO DA IDENTIDADE HISTÓRICA DE PORTUGAL”.

Estes mitos correspondem hoje apenas a estereótipos cujas raízes facilmente se adivinham mas que nada têm a ver com o futuro que queremos e devemos construir.

Para o autor, e para muitos de nós, nos quais me incluo, Portugal é hoje um país em estado de sonambulismo desde o ano 2000 à espera de uma via, não a terceira nem a quinta, que desperte sentimentos de confiança e de esperança próprios de quem sabe que o futuro será melhor que o presente.

O livro termina, no entanto, com uma mensagem de esperança ao invocar a figura do Padre Manuel Antunes, grande filósofo e pedagogo universitário, que apontou, nas décadas de cinquenta e de sessenta do século passado, para um modelo de desenvolvimento baseado num humanismo integral, ou seja, um progresso que promova o homem na totalidade das suas faculdades e aspirações profundas, isto é, numa sociedade na qual, corrigidas as assimetrias sociais mais expressivas, a ética não se subordine à economia e à tecnologia e não se abandone a uma prosperidade exclusivamente individualista e tecnocrata como atualmente acontece, exercendo-se, ao contrário, um efetivo poder político «do povo e não sobre o povo» como, com defeitos, foi exercido até cerca do ano 2000.

O livro de Miguel Real começa com uma citação de Diogo Freitas do Amaral que passo a ler:

“O único sistema que até hoje foi capaz de eliminar a pobreza, reduzir significativamente as desigualdades e instaurar a solidariedade humana não foi o capitalismo liberal, mas sim o modelo social europeu”.

Estas palavras, vindas de um distinto académico, fundador da nossa Escola de Direito segundo um modelo inovador, revelam bem como

não nos podemos alhear da nossa responsabilidade social. Tem sido para mim um privilégio conhecer Diogo Freitas do Amaral nas suas múltiplas facetas de figura pública responsável, que também hoje homenageamos. Seja-me igualmente permitida uma palavra de homenagem ao Padrinho, o meu antecessor Luís Sousa Lobo, que considero o principal responsável pelo reordenamento dos territórios da NOVA sem cuja vontade, determinação e competência não estaríamos aqui hoje em Campolide.

Esta minha homenagem era devida a ambos e vê-los juntos nesta cerimónia, por vontade de Diogo Freitas do Amaral, é para mim, e estou certo que para a NOVA, motivo de grande regozijo.

Mas o livro de Miguel Real traz-nos outras surpresas ao identificar, e descrever, cinco personalidades que assinalam o caminho que Portugal seguiu nas últimas décadas até aos dias de hoje.

A primeira é Olga Roriz que, segundo o autor, tipifica a rutura na conceção do corpo manifestado através da dança e aí está devidamente assinalado o papel do nosso laureado José Sasportes com os seus contributos notáveis através de livros como a História da Dança em Portugal e a Trajetória da Dança em Portugal. Recentemente homenageado em Itália, José Sasportes teve uma passagem académica curta pela então Universidade Técnica de Lisboa e, em boa hora, a nossa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas decidiu propor esta homenagem que, sendo da NOVA, é também da universidade portuguesa.

As outras quatro figuras que Miguel Real destaca são:

Siza Vieira “simbolizando a internacionalização da arquitetura portuguesa”;

Joana Vasconcelos “como harmonização estética entre o passado e o presente”;

e, que me perdoem os puristas, duas figuras do futebol:

Cristiano Ronaldo “ilustrando mais do que corpo pode”;

José Mourinho como exemplo de que “não chega fazer melhor mas sim ser o melhor”.

Curiosamente, estas duas últimas personalidades contrastam, pela sua prática, com os ideais de humanismo integral expressos pelo autor na sua proposta de solução para a sociedade portuguesa. Mas também nunca assumi que concordava inteiramente com Miguel Real. Creio, no entanto, que são exemplos de sucesso português conseguido além-fronteiras. Tirando as universidades, a investigação científica e algumas exportações, pouco mais temos para competir internacionalmente, para além do futebol.

Volto então às universidades e à NOVA em particular para concluir com a nossa ligação à lusofonia para homenagear o nosso terceiro laureado, o Professor Peter Aaby, distinto médico dinamarquês com uma extensa intervenção na Guiné-Bissau, em estreita colaboração com o Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Uma palavra especial é aqui também devida ao papel da NOVA na investigação tropical agora que este Governo esquartejou o Instituto de Investigação Científica Tropical e permitiu que as coleções do Arquivo Histórico Ultramarino fossem dispersas sem qualquer critério científico. É para a NOVA motivo de legítimo orgulho ter preservado durante os últimos trinta anos a integridade do IHMT e colocá-lo ao serviço da saúde dos países da lusofonia em estreita colaboração com o Ministério da Saúde. Em qualquer país civilizado isso daria à NOVA uma capacidade para ser ouvida quando se tomam decisões relacionadas com a colaboração científica de Portugal com os países da lusofonia. Tal não sucedeu quando se decidiu o esquartejamento do IICT e também quando o Pavilhão de Portugal, com a pala da autoria de Siza Vieira, foi cedido a custo zero para uma instituição universitária desenvolver projetos na área da lusofonia, quando todas as universidades poderiam e deveriam beneficiar livremente desse espaço.

Estas decisões, inexplicáveis num país civilizado mostram como em Portugal se aproveita o sonambulismo do Estado para se executarem algumas manobras de hipnotismo ou, até mesmo, de ilusionismo.

Entretanto, o IHMT continuará o seu caminho com o reconhecimento nacional dado pela classificação de excelente atribuída ao seu centro de investigação pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e com o reconhecimento internacional bem assinalado pelas parcerias com os países da CPLP.

Na próxima quinta-feira apresentaremos ao Colégio de Diretores a análise do segundo ano de execução do Plano Estratégico 2012-2016 com um conjunto de indicadores bastante favoráveis que nos permitem olhar para o futuro com moderado otimismo interno. Esta mesma análise será apresentada na próxima reunião do Conselho Geral da NOVA para recolhermos as opiniões e os comentários dos seus membros internos e externos.

A NOVA tem tradição de intervir nos mais diversos sectores da sociedade, pretende continuar nesse caminho e não abdicará de levantar a sua voz quando sentir que é a melhor, isoladamente ou em conjunto.

Foi o que os nossos três laureados fizeram nas suas vidas e é por isso que são merecedores da nossa gratidão e respeito.

António Rendas, 17 de Junho de 2015